

SERVIÇO SOCIAL NO FEMININO

Jornadas Internacionais

A TERCIARIZAÇÃO NO FEMININO
A discriminação continua...

Aida Ferreira
I.S.S.S. Coimbra

C.P.I.H.T.S.

Lisboa, 26 e 27 de Junho de 1995

A TERCIARIZAÇÃO NO FEMININO

A discriminação continua ...

1 - A Era Moderna e o Capitalismo Monopolista

2 - O Fenómeno Terciário: Controvérsia Analítica

3 - A Terciarização no Feminino

Bibliografia

1 - A ERA MODERNA E O CAPITALISMO MONOPOLISTA

A Era Moderna caracterizada pela corrente de pensamento iluminista assenta numa filosofia individualista. Cada Sujeito é senhor da sua "Razão" e não está mais dependente de uma transcendência definidora e orientadora dos seus destinos. Os homens através do uso da "Razão" são capazes de se organizar política e socialmente de modo a resolverem os problemas comuns.

Contudo, durante pelo menos dois séculos de filosofia individualista, houve sujeitos, homens e mulheres e estas na sua totalidade, impedidos do exercício da liberdade, em nome de interesses materiais de uma classe poderosa que clamava pela sua liberdade "positiva", com base numa linha de pensamento liberal.

Na Modernidade a liberdade de cada indivíduo já não resulta como na Antiguidade de estar entre iguais, mas sim de poder negociar, investir e produzir sem limites. A questão da propriedade privada permite estabelecer a conexão entre o privado e o público acabando por ser o sector público que vai proteger a propriedade privada. A Era Moderna permite assim a expropriação dos pobres e em seguida a emancipação das classes destituídas de propriedade - os trabalhadores.

" O fato de que a era moderna emancipou as classes operárias e as mulheres quase no mesmo momento histórico deve, certamente, ser incluído entre as características de uma era que já não acreditava que as funções corporais e os interesses materiais deviam ser escondidos." sic (1)

A Era Moderna integrou assim o labor da mulher no "modo de produção capitalista", inicialmente no sector secundário - indústria - e mais tarde no sector terciário - serviços.

(1) Arendt, 1991, p.83

A participação da mulher no mundo do "Trabalho" acontece com a expansão do capitalismo além fronteiras dos Estados Ocidentais, isto é, com o surgimento do Capitalismo Monopolista ou Imperialismo, iniciado nas três décadas finais do século XIX, segundo Arendt.

" É somente, na era do monopólio que o modo capitalista de produção recebe a totalidade do indivíduo, da família e das necessidades sociais e ao subordiná-los ao mercado, também os remodela para servirem às necessidades do capital." (2)

Antes da era monopolista a produção de meios de subsistência tinha como base a família. Mais concretamente, segundo Braverman até 1810 o produtor e o consumidor eram idênticos. (Depois desta data aconteceram alterações localizadas e a partir de 1870 iniciou-se o movimento de expansão do capitalismo monopolista).

Portanto, antes a produção de alimentos para a família competia à mulher que tratava das hortas, da criação de animais domésticos e do labor da casa. Nos últimos 100 anos o capitalismo introduziu-se entre a fazenda e a dona de casa, apropriando-se das funções desta.

A mulher passou a ser operária na indústria e dona de casa, realizando as duas tarefas.

Emergem em simultâneo um conjunto de fenómenos inter-relacionados entre os quais se destaca : o condicionamento urbano. O habitat familiar passou de rural a citadino não permitindo mais as práticas de auto-abastecimento familiar sobretudo em alimentos e vestuário.

(2) Braverman, 1981, p. 231

" Assim a população não conta mais com a organização social sob a forma de família, amigos, vizinhos, comunidade, velhos, crianças, mas com poucas exceções devem ir ao mercado e apenas ao mercado, não apenas para adquirir alimento, vestuário e habitação, mas também para recreação, divertimento, segurança, assistência aos jovens, [e crianças] velhos, doentes e excepcionais. Com o tempo, não apenas necessidades materiais e de serviço mas também os padrões emocionais de vida, são canalizados através do mercado. " sic, (3)

O Capitalismo monopolista desenvolve as relações de mercado, em substituição das relações individuais, familiares e comunitárias, tornando-se a população, sobretudo a urbana totalmente dependente do "artifício social"

A esfera privada transforma-se em esfera pública, transportando a mulher do seu labor individual na família, para o "trabalho socialmente combinado". Passa assim, de propriedade do senhor da casa a trabalhadora "livre", residindo essa liberdade no facto de poder mudar de local de trabalho sempre que quiser.

Os laços entre a Empresa (patrão sem rosto) e o trabalhador não são de propriedade pessoal, mas sim contratuais, havendo apenas que respeitar regras mútuas impostas pela legislação do trabalho. Esta, vive em constante alteração, aperfeiçoamento, alargamento ou restrição, consoante as oscilações do capitalismo empresarial, mas sempre, em nome do progresso e da consequente expansão do capital.

A mulher adquire deste modo o estatuto de trabalhadora "produtiva" iniciando o seu percurso pelo sector secundário. À medida que este se automatiza através do "trabalho científico", o sector terciário vai-se avolumando passando a oferecer uma multiplicidade de serviços, onde a mulher ocupa lugar maioritário nalguns sectores, sobretudo os mais mal renumerados.

Os países industrializados mais desenvolvidos apresentam no período pós II Guerra Mundial um fenómeno de crescimento de emprego no sector Terciário, conhecido pela Terciarização nas Economias Capitalistas.

(3) Braverman, 1981, p. 235

Correspondendo o sector primário à extracção de matérias primas, o secundário à sua transformação, o terciário engloba todas as outras actividades resultantes da divisão internacional do trabalho e que se traduzem genericamente em Serviços.

" Na fase do capitalismo monopolista, o primeiro passo na criação do mercado universal é a conquista de toda a produção de bens sob forma de mercadoria; o segundo passo é a conquista de uma gama crescente de serviços e sua conversão em mercadorias; o terceiro é um (ciclo de produto), que inventa novos produtos e serviços, alguns dos quais tornam-se indispensáveis à medida que as condições de vida moderna mudam para destruir alternativas." (4)

Assim, "(...) os serviços têm traços próprios, marcados pela sua formação organizacional, pelo seu estatuto ideológico e por suas funções no circuito de acumulação do capital no modelo monopolista ; (...) "(Karsh, 1987: 27)

A acumulação do capital é um processo sem limites, sendo ele mesmo gerador de poder político, tornando-se assim numa prioridade política.

A protecção do Estado relativamente ao capital conduz à atomização da vida social através do desenvolvimento das relações de mercado, fazendo surgir uma estrutura social, onde a diversidade de actividades contribui muito mais para separar as pessoas do que para aproximá-las.

O conjunto das necessidades básicas, das sociais e ainda das induzidas, são canalizadas para o mercado. Para dar resposta em quantidade e qualidade, de acordo com a classe social pagante, cria-se numa multiplicidade de serviços.

(4) Braverman, 1981, p. 239

2 - O FENÓMENO TERCIÁRIO : CONTROVÉRSIA ANALÍTICA

Vários autores* têm tentado interpretar o fenómeno do crescimento do trabalho no sector terciário. Para Daniel Bell, o aumento do rendimento médio por família resultou do aumento de produção do sector secundário. À medida que as necessidades básicas estavam asseguradas processava-se uma procura de "bens duráveis", seguida da procura de "ítems de luxo", através de serviços pessoais.

Gershuny argumenta contra, afirmando que o crescimento do sector terciário não acarreta necessariamente o consumo de serviços, havendo que definir claramente o que são serviços.

Segundo Sandra Brandão, serviço é para o autor - "algo não material" - afirmando aquele: " no momento de sua aquisição pelo consumidor, um bem é uma coisa e um serviço é um estado, uma actividade ou uma sensação" (5).

As necessidades humanas são assim satisfeitas por bens "coisas" e por serviços, sendo indiferente ao consumidor o modo de as satisfazer, mas não lhe sendo indiferente o factor: preço do bem e preço do serviço.

Por outro lado, a reorganização do sector secundário conduziu à ampliação do sector terciário através do fenómeno da "externalização" ou "terceirização" - tarefas realizadas por terceiros fora da empresa e que não correspondem à sua vocação principal.

*Cf; Sandra Márcia Chagas Brandão et al ; Sector Terciário: dificuldades para a sua definição, 1992

(5) Gershuny, J. After Industrial Society? The Emerging Self-Service Economy, Londres, Macmilan, 1978, Apud Brandão, Sandra et al ; 1992, p. 17

A externalização segundo Gershuny, traduz-se na satisfação de necessidades da indústria através de serviços intermediários realizados por empresas especializadas. Assim, o sector serviços é visto como oposição ao da produção de bens traduzindo-se portanto na sua imaterialidade.

Outros estudiosos do fenómeno, sobretudo nos Estados Unidos e França, procederam a uma análise diferente, hoje, a mais difundida e que tem como base fundamental de pesquisa - o destino da actividade do serviço.

- Os serviços de produção, producer services entendidos como os que estão ligados à demanda intermediária, e que correspondem ao fenómeno da externalização, têm como objectivo uma maior eficiência, menor verticalização e menores custos:
- Os serviços de consumo, consumer services respeitando ao consumo final;
- Os serviços de controle ou políticas sociais, abrangendo sectores como a Saúde, Segurança, Assistência, etc..

Nas sociedades onde a industrialização foi tardia, como por ex: Brasil, Portugal, o sector terciário aparece como resposta às insuficiências da estrutura industrial e de seus limites à incorporação de mão de obra. Este factor conjugado com o processo de urbanização originou o desenvolvimento da terciarização e a conseqüente heterogeneidade do mercado de trabalho. Esta atomização tem a ver não apenas com a Empresa Moderna, como também com todos os serviços cuja responsabilidade cabe ao Estado.

" A administração civil, que o Estado exerce na sociedade, expande-se continuamente, tanto na contribuição que dá para o funcionamento da sociedade através dos serviços de controle (educação, saúde, segurança, partidos políticos, habitação, recreação, sindicatos, instrumentos do poder legislativo, do judiciário e do executivo, e outras modalidades menos conhecidas), como através de grande parte das transferências financeiras que

executa, em forma de benefícios aos segurados da previdência social (aposentados, acidentados e outros) sem citar as despesas na área de defesa e segurança nacional." (6)

Sendo assim, o Estado e o capitalismo monopolista concretizam através dos Serviços o fenómeno da reprodução material da sociedade. Deste modo, os serviços definidos pela positiva respeitam "à reprodução das estruturas formais das formas de circulação e das condições culturais paramétricas, dentro das quais se realiza a reprodução material da sociedade. " (7)

Encarados nesta perspectiva os serviços exercem uma "função acauteladora" de manutenção de uma "certa ordem social" passando a sua relação a ser de interdependência, e não de subordinação, relativamente às actividades de produção.

Esta interdependência traduz-se também no aumento de custos, tornando-se este inoportável, a partir de determinados limites. Neste caso surgem processos de :

- racionalização organizacional como por ex: o superdimensionamento - caso dos hipermercados;
- mecanização através de equipamentos de microcomputorização;
- externalização ou terceirização, já referidos acima.

Todas estas estratégias tem como base a Empresa Moderna e procuram limitar os custos mas com consequências ao nível do emprego e da estrutura organizacional do trabalho.

Mas hoje, segundo Robert Reich*, o fenómeno da competitividade assenta muito mais na força de trabalho do que na própria empresa.

(6) Karsh, 1987, p. 32

(7) Berger, J. e Offe, C. A dinâmica do desenvolvimento do sector serviços in Offe, C. Trabalho e Sociedade, 1991, Apud Brandão, Sandra et al; 1992, p. 22

*Cf; Reich, R. O Trabalho das Nações, 1993

O trabalho prestado por executivos competitivos actuando na "teia global" da economia mundial faz emergir novas categorias de trabalho em todas as nações - os Serviços.

O autor classifica os serviços em :

- serviços de produção de rotina;
- serviços interpessoais;
- serviços simbólico-analíticos.

As duas primeiras categorias parecem englobar os serviços de produção e os serviços de consumo e políticas sociais respectivamente.

Contudo, a terceira categoria corresponde à função de consultadoria realizada à escala mundial por experts , "ubíquos" (pois estão em todo o lado) que influenciam os negócios do mundo: A sua actividade é de intermediação e processa-se através da utilização de símbolos analíticos, dados algoritmos e de toda uma argumentação legal e sociológica que obedece a princípios científicos e expedientes financeiros.

São geralmente licenciados com cursos de pós-graduação e controlam grandes fortunas. O produto do seu trabalho traduz-se em relatórios, memorandos e projectos cuja realização deve ser feita no mínimo de tempo e deve conter a melhor solução e a mais original e inovadora de todas. É a competitividade da inteligência e saber individuais aplicada aos negócios do mundo e paga a preços incalculáveis pelos Estados e Empresas de toda a "aldeia global".

3 - A TERCIARIZAÇÃO NO FEMININO

O sector terciário é na realidade o que dá mais acesso ao trabalho feminino. (Em Portugal 63,3% das mulheres trabalhadoras estão no sector terciário). Mas, importa também analisar diferenciações de comportamento relativas às várias categorias de serviços e ainda, dentro da mesma categoria, constatar o desnível de remuneração entre os sexos.

Geralmente a mulher tem lugar maioritário nos serviços que reflectem de algum modo o trabalho realizado na esfera familiar ao longo de milénios, e que é parte integrante das representações sociais de homens e mulheres. De igual modo lhe são atribuídas qualidades psicológicas consideradas fundamentais no campo das relações sociais, onde se desenvolvem muitos dos serviços interpessoais (de políticas sociais, marketing, etc.). São serviços oferecidos pessoa a pessoa e são vendidos à escala mundial, podendo estar ligados a empresas transnacionais, sendo o trabalho prestado directamente ao cliente específico. Assim, exige-se aparência agradável, transmissão de confiança, bom humor, sorriso permanente mesmo para o mais obnóquio dos clientes. O interesse fundamental é cativar o cliente para a venda do produto seja ele qual for.

A maior parte destes serviços são fornecidos por mulheres " o estereótipo cultural das mulheres como educadoras - como mãezinhas - deu-lhes acesso a numerosas profissões de serviço interpessoal " (Reich, 1993: 253)

A natureza de prestação dos serviços interpessoais conduz o trabalhador em geral ao isolamento, tendo como consequência a dificuldade de defesa dos seus interesses de classe através de sindicatos ou ainda da organização de lobbies. Consequentemente há uma degradação dos salários e simultaneamente uma grande oferta de mão de obra feminina (e masculina) nesta categoria de serviços.

O comportamento na categoria dos serviços de produção de rotina traduz-se numa diferenciação entre sectores tradicionalmente femininos, como dos têxteis e os tradicionalmente masculinos - os da indústria de metais. Este último sector é o mais bem remunerado. Mas à medida que a robotização se introduz, há menor acesso de jovens do sexo masculino a esse sector. Estes jovens, entretanto, vão engrossando a fila dos que procuram trabalho nos serviços interpessoais.

Nos Estados Unidos as mulheres ocupam nos sectores textil e de placas de circuitos conjuntamente com os negros e os hispânicos, a maioria dos serviços de produção de rotina.

Quanto aos serviços simbólico-analíticos, os mais bem remunerados de todos e aqueles que apresentam actualmente um crescimento de postos de trabalho, são preenchidos por brancos do sexo masculino. " Mas a proporção de brancos do sexo feminino está a aumentar e existe entre eles um pequeno número, mas em crescimento lento, de negros e hispânicos" (Reich,1993: 257).

Os analistas simbólicos surgem como categoria de serviços que se vai distanciando do resto da sociedade, não apenas pelos seus rendimentos fabulosos mas sobretudo pelos espaços privados que vão construindo para seu uso pessoal e familiar; Retiram à sociedade o apoio da redistribuição do seu rendimento e aplicam-no na construção de um mundo à parte onde nada falta. Health Clubs, clubes de golfe, ténis, vias privadas, segurança privada, jardins privados etc...

Também aqui, como se viu acima, as mulheres estão numa pequena percentagem como trabalhadoras.

Sendo o objectivo fundamental do capitalista o lucro, quer seja através da produção de bens, quer seja através da produção de serviços, grande parte desse lucro incide no factor trabalho, pago pelo valor mínimo e fornecido no máximo de tempo " a média dos ganhos semanais comuns de trabalhadores em tempo integral e assalariados nos serviços é mais baixa que a de qualquer grupo ocupacional, exceto agrícolas" (SIC), (Bravernam, 1981: 309).

Esta situação conduz a que no sector dos serviços interpessoais a diferenciação salarial entre homem e mulher vá deixando de ter significado. O que interessa ao empresário é o trabalho realizado pelo mínimo de custo de mão de obra, seja ela masculina ou feminina " Esta é uma razão importante para o início da redução do desfasamento de género entre os salários dos homens e mulheres, ao longo da década de 80" (Reich, 1992 : 305).

O capitalismo monopolista após ter transformado a família no principal consumidor, esta, para subsistir necessita ter dois ou mais membros realizando "valor de troca" para ser transformado em "valor de uso" com o qual cada vez se adquirem menos bens de sobrevivência. Assim, a mulher e também os menores são compelidos a produzir obedecendo a novas formas de prestação de trabalho, que se traduzem numa difusão social de produção.

" Por exemplo, a fragmentação dos processos produtivos possibilitou a generalização do trabalho ao domicílio (quase sempre feminino) e este transformou o espaço doméstico de muitas famílias trabalhadoras num campo de trabalho onde a produção e a reprodução convivem até à indiferenciação." (8)

Surge actualmente, com alguma frequência a nível mundial, o fenómeno inverso ao que predominou durante cerca de 100 anos. Esse fenómeno traduz-se no facto, de já não ser a mulher a deixar a esfera familiar para através do trabalho na empresa obter a sua autonomia económica, mas sim produzir no espaço privado, em total dependência das oscilações de mercado exterior e num isolamento social completo.

De uma visão de igualdade de oportunidades homem/mulher proporcionada pela via do acesso ao trabalho da mulher como direito social, o sistema capitalista vai criando oportunidades para ele próprio obter o máximo de lucro, com o mínimo de custos de mão de obra. Este parece ser um efeito perverso da "igualdade" de acesso ao trabalho tendo como contraposição a "liberdade" da oferta das condições de realização do trabalho por parte de quem detém os meios de produção.

(8) Santos, B., 1994, p. 218

Assentando o sistema capitalista dos países ocidentais no regime democrático, passível de crítica por não ser suficientemente democrático, há contudo a possibilidade aberta para a evolução de uma configuração mais democrática. Mas, a transformação não pode ser apenas fruto da aquisição da máxima consciência das mulheres e da sua intervenção, como também não é possível essa transformação sem as mulheres nem pode ser realizada contra as mulheres.

O sinal da transformação da sociedade actual, passa necessariamente pela igualdade de direitos de cidadania entre os géneros masculino e feminino.

A conquista dessa nova ordem social inscreve-se "talvez" na pós-modernidade, onde o direito efectivo à Palavra e ao Agir terão expressão paritária homem/mulher na construção de uma nova organização social onde o trabalho é apenas uma das dimensões dessa paridade.

Concluindo :

- Não é a diferença biológica entre o homem e a mulher que fundamenta as diferenças psicológicas existentes entre os sexos, mas sim o pensamento político orientador e estimulador da teia das relações sociais. É nesta trama que se inscreve a cultura no masculino e no feminino, traduzida na diferenciação de actividades tanto na esfera privada como na esfera pública.

- A mulher ao entrar no mercado de trabalho passa a trabalhadora "livre" realizando trabalho produtivo. Neste contexto reproduz muitas das actividades domésticas que antes efectuava na esfera privada. A grande diferença traduz-se : na obtenção do salário que constitui "valor de troca" e meio de subsistência, ao ser transformado em "valor de uso" e na impossibilidade de produzir alimentos dadas as modificações do habitat, de rural a urbano. Surge assim a total dependência do mercado.

- O sector terciário é aquele que oferece maior possibilidade de trabalho à mão de obra feminina. Mas, são sobretudo os serviços interpessoais, onde a relação pessoa a pessoa é fundamental que incluem uma maior percentagem de mulheres. São também estes os serviços mais mal remunerados. O desvio de mão de obra masculina, devido a robotização, para os serviços interpessoais fez aproximar, pelo nível mais baixo, as remunerações homem/mulher. Cumpriu-se assim neste sector a redução de desigualdade!

- No momento actual, permanecem ainda desigualdades fundamentais entre o estatuto remuneratório masculino e feminino. No entanto, tal como antes, essas diferenças resultam do facto de o poder político - económico se encontrar na mão do homem, sobretudo ao nível mais elevado da pirâmide decisória.

- Impõe-se a necessidade de uma paridade homem/mulher nas decisões sobre questões mundiais. Estas decisões respeitam à Economia indubitavelmente até hoje, a grande condutora do Social (e cujo sentido deveria ser o inverso); à Ecologia harmonizando Humano/Natureza; ao Património Genético garante da diferenciação da riqueza da Condição Humana - Mulher/Homem.

AIDA LOPES BENTO ESTEVE S FERREIRA

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

Licenciada em Serviço Social pelo ISSSL.

Mestre em Serviço Social pelo ISSSL.

Pós-graduação em Formação de Formadores de Formadores

Programa de Estudos Avançados em Serviço Social no ISSSL/PUC, S. Paulo, com vista ao Doutoramento

Formadora Certificada pelo IEFP

Doutoranda em Serviço Social na Universidade Católica Portuguesa

Actualmente: Directora da Licenciatura em Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

25 ANOS DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO ASSISTENTE SOCIAL

NOS MINISTÉRIOS DA SAÚDE e do TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL (HOJE, MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE E DO EMPREGO)

Desenvolveu trabalho directo com populações, funções de coordenação de equipas e coordenação de Projectos de intervenção local.

Realizou um estudo sobre indicadores sociais a nível do país e participou no estudo sobre a implementação do salário da dona de casa.

NO MINISTÉRIO DA CULTURA

Funções de apoio técnico aos Centros Culturais do país

Integrou o *STAFF* do Gabinete do Ministro dos Assuntos Sociais no 1º. Governo Provisório pós 25 de Abril

Foi membro da Presidência da Comissão Interministerial de Animação Sócio Cultural (CIASC)

Foi Membro do Conselho de Imprensa cooptado pela Opinião Pública

Foi assessora de Deputada do Parlamento Europeu

Foi Subdirectora do ISSSL

Funções Académicas

Docente do ISSSL

Docente do Instituto Miguel Torga

Docente da Licenciatura em Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Como actividade de investigação tem vários artigos publicados sobre as questões de género, sobre o social e os Media, as questões de identidade do Serviço Social. Tem realizado comunicações em Portugal e estrangeiro

Bibliografia

- Amâncio, L. (1994), *Masculino e Feminino*, Porto : Afrontamento
- Arendt, H. (1991), *A Condição Humana*, 5ª. ed, Rio de Janeiro: Forense
Universitária.
- Brandão, S. et al, *Sector Terciário : dificuldades para a sua definição*,
S. Paulo : Perspectiva Jul/Set. 1992, pp 16-24.
- Braverman, H. (1981), *Trabalho e Capital Monopolista*, Rio de Janeiro:
Zahar.
- Drucker, P. (1975), *A Administração: tarefas, responsabilidades, práticas*,
S. Paulo: Pioneira.
- Ferrão, J. (1992), *Serviços e Inovação*, Oeiras: Celta Editora, Lda.
- Gorz, A. (1980), *Crítica da Divisão do Trabalho*, S. Paulo: Pioneira.
- Habermas, J. (1984), *Mudança Estrutural da Esfera Pública*; Rio de Janeiro:
Tempo Brasileiro.
- Karsh, V. (1987), *O Serviço Social na Era dos Serviços*, S. Paulo: Cortez.
- Leiria, J. S. (1992), *Terceirização*, Porto Alegre : Sagra.
- Marx, K. (1975), *Capítulo Inédito d' O Capital*, Porto: Escorpião.
- Marx, K. (1992), *O Capital*, Vol. I, S. Paulo: Difel.
- Offe, C. (1991), *Trabalho e Sociedade*, S. Paulo: Tempo Brasileiro.
- Reich, R. (1993), *O Trabalho das Nações*, Viseu: Quetzal Editores.
- Santos, B. (1994), *Pela Mão de Alice*, Porto: Afrontamento

